

RELATO DE EXPERIÊNCIA*

**Usos da intelectualidade indígena em sala de aula: uma discussão acerca da
figura de Ailton Krenak**

Evellyn da Silva Dutra¹

Resumo:

Este trabalho objetiva discutir os usos possíveis da obra de Ailton Krenak em sala de aula, como forma de cumprimento da lei 11.645/2008 a partir das obras de Ailton Krenak²[OBJ]. Utilizarei o texto de Chimamanda Ngozi Adiche “O perigo de uma história única” para pensar sobre a construção a estereotipagem a respeito dos povos indígenas. A metodologia utilizada é análise bibliográfica.

Palavras- chave: Estereotipagem, Ailton Krenak, indígena, intelectualidade.

Introdução

Ailton Krenak é um líder indígena que ganhou destaque durante a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 após protagonizar um momento histórico em que ao discursar durante a Assembleia, em um momento de retrocesso na luta do movimento indígena, ele pinta seu rosto com tinta preta de jenipapo, que em sua cultura é utilizada em momentos de luto. Sua luta foi importante para o “Capítulo dos Índios” na Constituição de 1988, que passou a garantir os direitos indígenas à cultura autóctone e à terra. Organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que une povos indígenas e ribeirinhos na Amazônia. Participou também da criação da União das

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual de Goiás. Anápolis. Evellyndutra89@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/3918752560000761>

² Nascido em 1953, na região do Vale do Rio Doce, Ailton Krenak é um intelectual, escritor e líder indígena que ganhou notoriedade a partir da década de 1970. Além de diversas publicações, Krenak também participa de eventos e palestra em universidades. É o primeiro indígena a participar da Academia Brasileira de Letras.

³ Para os Krenak, o Rio Doce (Watu), não é apenas um rio, é o avô deles, parte do que constitui a comunidade.

* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 4ª ED. REALIZADO 10 DE FEVEREIRO A 13 DE ABRIL DE 2024.

Nações Indígenas (UNI), é coautor da proposta da Unesco que criou a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço em 2005 e é membro do seu comitê gestor. Em 2016 recebeu o título de doutor honoris causa da Universidade Federal de Juiz de Fora. E recentemente Ailton Krenak foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, e se tornou o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na academia

Figura 1- Ailton Krenak durante a Assembleia Nacional Constituinte em 1987.



Fonte: Câmara dos Deputados, 1987.

Seu povo, os Krenak, provêm do relacionamento histórico entre vários subgrupos que habitavam a área entre os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia até a segunda metade do século XIX. São do grupo Macro-Jê e se autodenominam Borum do Watu (índios do Rio Doce). Na cosmologia Borum percebe-se a importância dos “encantados” (tokón), seres divinos e protetores. Esses seres são de extrema importância para esse povo, pois estes espíritos

forneciam tudo o que os Borum precisavam para uma vida de fartura. Segundo Pascoal, “toda esta região está carregada de significações históricas para os Krenak, haja vista que foi percorrida por seus ancestrais, possibilitando-lhes se refugiarem do avanço colonizador, e permitindo-lhes sobreviverem” (Pascoal, 2018. p. 19). Assim, percebe-se a ligação importante entre os tokón, que são de grande importância para a constituição do povo Borum e na constituição do bem viver coletivo, e do território.

A estereotipagem acerca dos povos indígenas

Stuart Hall em seu livro “Cultura e Representação” define a estereotipagem como

A estereotipagem, em outras palavras, é parte de manutenção de ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o "normal" e o "pervertido", o "normal" e o “patológico”, o "aceitável" e o "inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou o "outro”, entre "pessoas de dentro” (insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles. (Hall, 2016, p. 192)

Ou seja, a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”. O autor defende ainda que a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder. Percebe-se então, que os povos indígenas, no decorrer de sua história, foram vítimas do estereótipo. Verifica-se isso na concepção de grande parte dos brasileiros acerca dos povos indígenas, em falas como “índio vive na floresta”, “índios são seres selvagens” etc. Além de toda a força tarefa da sociedade que historicamente tenta fazer o apagamento da história e cultura dos povos indígenas.

Há uma ideologia ainda muito presente na sociedade brasileira que classifica o que seria “o verdadeiro índio”. Nesse pensamento, o verdadeiro indígena seria aquele que mais se aproximasse dos que estavam aqui antes de 1500. No sentido de possuir a mesma cultura e modos de vida, não sendo possível nenhuma outra forma de viver. Ou seja, um indígena que

frequenta uma universidade, por exemplo, dentro dessa ideologia, teria “deixado de ser indígena”. Essa forma de pensar é muito utilizada por parte da sociedade que é contra os direitos indígenas, previstos na Constituição. Assim, essa ideia serve para legitimar discursos contra demarcação de terras indígenas, por exemplo.

Chimamanda Adiche em seu livro “O perigo de uma história única” nos alerta sobre o perigo da estereotipagem, pois ao concebermos uma única história a respeito de um povo (como historicamente concebemos acerca dos povos indígenas) criamos pré-conceitos a respeito desse povo, que muitas vezes não se verifica na realidade.

Figura 2- Ailton Krenak discursando na UnB.



Fonte: Raquel Aviani/Secom UnB, 2020.

O intuito deste trabalho é demonstrar que, por meio do uso da intelectualidade indígena em sala de aula, aqui utilizando a figura de Ailton Krenak, mas que pode se estender a outros intelectuais indígenas, podemos quebrar este ciclo de estereotipagem e desenvolver formas de pensamento crítico nos alunos. Pois como na imagem acima, os indígenas podem e ocupam a academia e outros espaços. Para isso, utilizarei a metodologia de análise bibliográfica.

As obras de Ailton Krenak

A literatura indígena surgiu em meados da década de 1970, junto à luta por direitos indígenas, como uma forma de resistência. É também, uma forma de guardar o saber ancestral desses povos, suas lendas, seus mitos e suas cosmovisões. Sua origem é ancestral e de base oral, “todo esse acúmulo de memórias, que culminam em saberes e fazeres transmitidos por meio da oralidade, de geração em geração, é a base da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil.” (Bicalho, 2023, p.10) Utilizá-la em sala de aula demanda do professor um saber prévio acerca da etnia a ser trabalhada.

Figura 3- Ailton Krenak e Davi Kopenawa durante celebração dos 30 anos da Terra Indígena Yanomami, na Aldeia Xihopi, no Estado do Amazonas.



Fonte: Christian Braga/ISA, 2023.

No livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020), Ailton discute como o sistema capitalista consegue impor sua ideologia a tal ponto de acreditarmos ser mais fácil colonizar

outro planeta do que restaurar a Terra. Critica as organizações internacionais que dizem proteger a humanidade, porém, qual é esta humanidade?

Para Krenak, existem dois grupos, a humanidade e a sub-humanidade. Nesta segunda se encaixam caiçaras, indígenas, quilombolas, aborígenes etc. “Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra.” (Krenak, 2020, p. 21-22) É essa sub-humanidade que fica à margem do “progresso”, que é constantemente atacada, e a que as organizações internacionais não protegem.

A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (Krenak, 2020, p.14).

O autor defende que a colonização foi um “fim do mundo” que os nativos americanos enfrentaram, e que devemos analisar quais estratégias esses povos utilizaram para conseguir enfrentar esse problema e nos munir delas. “A civilização chamava aquela gente de bárbara e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade.” (Krenak, 2020, p. 28) A criatividade, a poesia e principalmente o senso de coletividade e a necessidade de proteger as suas subjetividades inspirou a resistência desses povos. Porém, com o avanço do neoliberalismo esse nosso sendo de coletividade está se perdendo cada vez mais a tal ponto de nos desconectarmos da natureza, para fazer parte dessa “humanidade”. E assim fica mais fácil do sistema capitalista assaltar a terra. O professor pode usar as reflexões contidas neste livro para abordar temas como: cidadania, diversidade, teorias raciais, Darwinismo social, entre muitos outros temas.

A obra “A vida não é útil” (2020) foi escrita durante o período da pandemia, em um momento de reflexão do autor acerca da defesa do mercado de que “a economia não pode parar”. Para Krenak isso não faz sentido. Partindo do pressuposto de que a economia é uma

invenção humana, e que só depende de nós, se os humanos estão em risco então deixa de ter importância. Nesta obra, o autor retoma a discussão de humanidade e reflete a respeito do antropoceno – o período geológico marcado pelas ações humanas no mundo - e como o agronegócio é responsável pela calamidade climática que estamos vivendo.

No capítulo “Sonhos para adiar o fim do mundo” o autor mostra um pouco da cosmovisão Krenak, de como enxergam a ideia de humanidade, do destino humano etc. “Os Krenak desconfiam desse destino humano por isso que a gente se filia ao rio, à pedra, às plantas, e a outros seres com quem temos afinidade.” (Krenak, 2020, p.42). Fala também de como essas cosmovisões podem mudar, pois, os povos caçadores sonham de um jeito, e os agricultores de outro.

O autor também critica o processo de globalização que nos deixa ser governados não mais por políticos, mas sim por corporações. E não acredita que o capitalismo “seja possível tratar”, por ser um sistema que adoece tanto o planeta quanto as pessoas. Mas só conseguiremos derrotá-lo em coletividade. Por fim, defende que devemos aprender a viver atoa no mundo, apenas aprender a apreciar a vida como ela é:

O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizaram tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos. Não podem parar e experimentar a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso. O mundo possível que a gente pode compartilhar não tem que ser um inferno, pode ser bom. Eles ficam horrorizados com isso, e dizem que somos preguiçosos, que não quisemos nos civilizar. Como se ‘civilizar-se’ fosse um destino. (Krenak, 2020, p.113)

Assim, percebemos que este livro pode muito bem ser usado em aulas sobre geopolítica, capitalismo e até numa perspectiva filosófica, no sentido de como viver no mundo, qual o sentido de viver etc.

O livro “Futuro Ancestral” (2022) é mais ligado a questões espirituais a respeito da natureza. O autor conta da história de seu avô - o rio Watu - de como ele foi assaltado por uma empresa mineradora, e mesmo assim continua tentando sobreviver. Faz uma saudação aos rios, e reflete acerca de como eles nos ensina sobre resistência, de como eles nos une e nos torna pertencentes. A partir disso, tece uma crítica às cidades que asfixiam os rios pois “as sinuosidades do corpo dos rios é insuportável para a mente reta, concreta e ereta de quem planeja o urbano”. (Krenak, 2020, p.66)

O autor também critica o sistema educacional que vai moldando as crianças, destruindo suas subjetividades e ensinando que elas devem ter nojo da terra. Além de perpetuar a lógica de que a vida é urbana, tudo que está fora das cidades é bárbaro e primitivo, Krenak nos convida a revolucionar essa ideia de educação e defende que a vida é selvagem.

Pode-se também utilizar o discurso de Ailton Krenak na Constituinte de 1987 como ponto de partida para uma aula a respeito do fim da Ditadura Militar e a Constituição de 1988, com a perspectiva das lutas indígenas. Assim como os diversos documentários que Krenak participou como “Guerras do Brasil.doc” (GUERRAS do Brasil.doc. Direção: Luiz Bolognesi. [S. l.]: Netflix, 2019. Disponível em: www.netflix.com.br. Acesso em: 1 abr. 2024.) em que ele discute questões acerca da colonização na perspectiva indígena.

Figura 4- Ailton Krenak caminha pelo Watu assolado pela lama tóxica.



Fonte: Casa Vogue, 2020.

Para uma reflexão ainda mais atual, o professor pode optar por usar as obras de Krenak para discutir com os alunos a tragédia que assolou o Rio Doce. A partir das obras de Ailton Krenak, o professor pode conduzir os alunos a pensar criticamente todos os aspectos desse acontecimento, como foi uma tragédia não só humanitária e ambiental, como também cultural e religiosa, pois o Rio Doce é sagrado para os Krenak, como representado na imagem acima. Essa abordagem pode ser utilizada em diversas áreas do conhecimento, tanto em Ciências Humanas para localizar onde fica o Rio Doce e quais as especificidades do bioma em que ele está presente, para uma abordagem numa perspectiva de quem é esse povo e qual sua história, suas filosofias e formas de ver o mundo, como em Ciências da Natureza e Exatas discutindo os aspectos da barragem, quais minérios extraíam da região, quais os cálculos que os engenheiros fizeram para entregar o parecer de que a barragem tinha riscos de ceder etc.

Considerações finais

Nos livros de Ailton Krenak percebemos um grande potencial didático para se utilizar em sala de aula. O autor aborda tanto temas atuais como crise climática, pandemia de covid-19, como temas de ancestralidade, principalmente da história de seu povo. Portanto, pode ser utilizado tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

É importante frisar a necessidade de um estudo prévio, por parte do professor, para trabalhar essas obras em sala de aula. Hoje, com a lei 11.645/2008 já se tem uma grande produção acadêmica que trabalha questões indígenas, e que é de fácil acesso para o público.

Com isso, percebemos que as obras de Ailton Krenak podem ser utilizadas em diversas áreas do conhecimento. Contribuindo assim, para uma educação mais inclusiva e diversa, que auxilie para uma expansão intelectual dos alunos. Portanto, o objetivo deste trabalho foi abrir os horizontes dos professores para uma perspectiva de ensino que quebre os ciclos de estereotipagem acerca dos povos indígenas, para que não estejamos mais sujeitos a uma história única.

Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **Vamos falar de literatura indígena?**. Goiânia: Cegraf UFG, 2023. Coleção tessituras do cerrado

DISCURSO de Ailton Krenak na Constituição de 1988. Brasília: [s. n.], 1988.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ildN6lyXDNE>. Acesso em: 1 abr. 2024

GUERRAS do Brasil.doc. Direção: Luiz Bolognesi. [S. l.]: Netflix, 2019. Disponível em: www.netflix.com.br. Acesso em: 1 abr. 2024.

HALL, Stuart. **A estereotipagem como prática de produção de significados**. In: Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016, p.189 – 193.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

PASCOAL, Walison Vasconcelos. **OS KRENAK, O RIO DOCE E O DESASTRE-CRIME CAUSADO PELA SAMARCO**. 2018. 81 p. Relatório de pesquisa (Graduação) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA GRUPO DE ESTUDOS EM TEMÁTICAS AMBIENTAIS, [S. l.], 2018.

SAMPAIO, Leila Silvia; SILVA, Rosana Rodrigues da. LITERATURA INDÍGENA NA ESCOLA: A TEORIA A FAVOR DA PRÁTICA NO ENSINO. **Revista Água Viva**, [s. l.], v. 4, n. 2, 10 abr. 2019.